

# E A DOR

oportunidade perfeita para criar um vício. “Imaginem que sou um traficante. Isso dá dinheiro. Então, não me interessa que fiquem mocados durante uma ou duas horas, porque assim não vou conseguir dinheiro. Vou tentar obter a mistura certa para tentar dar meia hora [de prazer], para depois fazê-los vir buscar mais”, observa com frieza.

Helen Clifton insiste: “Alguma vez vendeste ‘bloom?’” Bruno nega: “O ‘bloom’ é demasiado viciante. Imagine que eu vendia ‘bloom’ e começava a fumar. Perdia dinheiro, perdia a cabeça e perdia todo o carregamento”.

“Onde é que compras a droga?”, interpõe a jornalista da BBC. “São lugares que nós conhecemos. Vi agora a pessoa passar, não vou dizer quem é. Vai para lá, para o sítio onde normalmente costuma estar a [vender]. Eu também vou para lá. Vou fumar uma ganza com os meus amigos, beber mais um pouco e vou para casa, para depois ir trabalhar e... recomoçar tudo outra vez”, resume.

Pelo meio da conversa ocorre-lhe que, ainda que tivesse vontade de parar, não lhe resta qualquer bóia de salvação onde agarrar-se: “Neste momento não tenho nada que me faça arrepender e pensar que não deveria estar a fazer isto, que não devia precisar [do ‘bloom’]”. “Às vezes, precisas de sentir-te um pouco feliz. Amanhã é outro dia”, conclui.

## Peixe graúdo

Somos guiados pela psicóloga Lavínia Corte através dos corredores da Casa de Saúde São João de Deus. Ao atravessarmos o pátio cruzamo-nos com um senhor de ar simpático, que nos cumprimenta em inglês e diz que está a desfrutar do sol. Ao contrário de alguns dos jovens que vamos encontrando pelo caminho, Dino Santos mostra-se contemplativo, mas lúcido e coerente.

Lavínia Corte conta-nos que o homem, de 61 anos, é natural do Reino Unido e que decidiu ser internado voluntariamente por causa da adição ao ‘bloom’. Ao saber que a BBC ali estava para falar sobre as drogas sintéticas, disponibiliza-se a partilhar o seu testemunho. “Se ajudar as gerações futuras, podem usá-lo”, sublinha.

“No meu tempo fumar um charro era uma grande coisa, hoje não é nada. Os miúdos de hoje em dia querem ecstasy, ‘gorby’ e outras coisas. Há toda uma selecção à sua disposição (...). Não podem deixar o ‘bloom’ chegar a Inglaterra, porque é muito aditivo e afecta sobretudo os mais novos”, avisa.

De volta ao quarto – que agora

ocupa na casa de saúde, enquanto aguarda por uma vaga na Associação Protectora dos Pobres para poder regressar à comunidade – Dino desenvolve um pouco mais a sua história. Nascido e criado em Inglaterra, decidiu vir para a Madeira após um divórcio difícil. “O meu pai era madeirense, então podia pedir a nacionalidade portuguesa, por isso decidi vir para cá”, explica.

Durante anos, Dino apenas consumiu canábis. “Comecei em Inglaterra. Basicamente, plantava a minha própria canábis e sempre recusei o ‘bloom’. Um dia alguém ofereceu-me um charro misturado com ‘bloom’. Sem saber, fumei e a adrenalina que me deu foi o suficiente: eu queria ‘bloom’”, vinca.

A partir daí, a vida de Dino tornou-se numa espiral. “O ‘bloom’ só te faz fazer coisas estúpidas. Eu tive um trabalho muito bom num supermercado e eles tinham uma cantina para os funcionários, onde podia comer o que quisesse. Mas, uma manhã, tinha fumado ‘bloom’ e roubei uma barra de chocolate, que podia perfeitamente ter comido de graça no refeitório. Fui apanhado nas câmaras de videovigilância e fui despedido (...). Eu tinha uma casa, um trabalho, mulher... e perdi tudo. Acabei a dormir em cima de um pedaço de cartão na rua”, revive.

Helen procura perceber, através da percepção de Dino, qual a dimensão do flagelo do ‘bloom’ na Madeira.

“Na verdade, é terrível”, responde o homem. “Se pudesse ver, quando eu ficava à espera de um ‘dealer’, ficaria surpreendida, não só com o número, mas com a variedade de pessoas que estavam à espera para comprar [‘bloom’]. Havia donos de restaurantes, médicos, pessoas que eram trabalhadoras, um grande número de pessoas agarrado a esta coisa química”, ilustra.

Dino Santos não tem dúvidas que na raiz do problema está “uma questão de dinheiro”.

“Os tipos que estão a trazer a droga [para a Madeira] estão a fazer uma fortuna com a quantidade que vendem. Tu pagas cinco euros por uma pequena dose, mas por um quilo... é só começar a fazer as contas”, observa.

Em relação ao tráfico, Dino constata que “os ‘dealers’ são apanhados [pela polícia] e, depois, são soltos”. “É o ‘peixe grande’ que eles têm de apanhar, não é arraia-miúda. Se os apanharem a eles, cortam a cadeia de fornecimento”, evidencia.

“Quem são esses grandes peixes?”, pergunto-lhe. “Não faço



COMEÇAS A PERDER O CONTROLO. QUERES MAIS [‘BLOOM’], COMEÇAS A OLHAR PARA O CHÃO À PROCURA DE PACOTES ONDE ELES NÃO EXISTEM (...). QUERES IR PARA CASA, ACHAS QUE ESTÃO A OBSERVAR-TE. FICAS PARANÓICO”

FOTOS HÉLDER SANTOS/ ASPRESS

ideia”, replica. “Mas há quem saiba?”, pressiona. “Sim, alguém sabe, mas eles não lhe vão dizer nada. Na minha opinião, tem de ser alguém com a capacidade de importar contentores. Um grande traficante não vai encomendar um pequeno pacote de ‘bloom’, vai trazer toneladas. Tem de ser alguém com poder, políticos ou grandes empresários”, pondera.

“Eu vi os polícias fazerem o seu trabalho. Eles são muito eficientes, apanham os traficantes, mas esses ‘dealers’ vendem pequenas quanti-

dades de ‘bloom’. Aqueles que lhes vendem a droga, são esses que têm de apanhar”, reforça Dino Santos.

A nível pessoal, Dino só tem um desejo: “Eu tenho três filhos em Inglaterra e o meu mais velho já me deu dois netos... eles são a razão pela qual eu decidi parar. Quero conhecer os meus netos como uma pessoa normal. Se uma pessoa tiver sorte vive até aos 100 anos e eu já vivi metade disso, por isso quero passar o resto da minha vida bem. Quero estar limpo [das drogas] para variar”.

“Como é que consegue ter a certeza que não volta a consumir?”, questiona Helen Clifton. “Não tenho certeza. É muito difícil deixar isto para trás, porque estou rodeado de pessoas que consomem. A cada esquina, há pessoas a vender [‘bloom’], mas é algo que eu tenho de fazer”, reafirma.

A voz de Bruno volta-me à mente como num disco riscado: “Nunca penso que amanhã vou voltar a consumir. Acho sempre que é a última vez (...) mas, eventualmente, a ansiedade faz-te lá ir outra vez”.